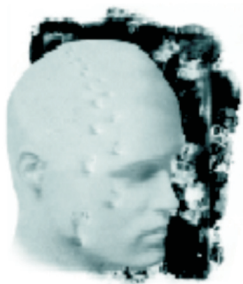


A pastoral poética de Francisco Carvalho

Francisco Carvalho's poetic pastoral

Batista de Lima¹



Francisco Carvalho tornou-se uma unanimidade acintosa. É aquele velho campeão que a torcida vibra mais pela derrapada do que pelo erguer da taça. Melhor poeta em atividade na Língua Portuguesa, é mais vítima do rótulo do que da idade. Aos setenta e sete anos, o vate lança **Memórias do Espantalho** – poemas escolhidos (Imprensa Universitária da UFC, 2004).

É uma seleta dos seus melhores poemas presentes nos dezenove livros publicados a partir de **Os mortos azuis**, de 1971. Das quinhentas e duas páginas que compõem o livro, cento e quarenta e quatro são preenchidas com sua fortuna crítica. Então se apresentam críticos de renome e também professores universitários que o estudaram em dissertações de pós-graduação. São quarenta estudiosos de sua obra que desfilam em ordem alfabética, com as descobertas mais variadas sobre a sua poética.

São, pois, muitos os ensaístas que estudam Francisco Carvalho e descobrem em sua escritura algo que não encontraram em outras estudadas. Por exemplo, quando se lê o texto de Gilberto Mendonça Teles (1998), espera-se encontrar, na sua análise, alguma referência às repetições em Francisco Carvalho, uma **Estilística da Repetição** como ele faz tão bem com Drummond e que é farta em Carvalho. Mas não há nenhuma referência às repetições e sim à descoberta de uma “religiosidade literária” nesse poeta cearense. “Deus” está presente constantemente nos poemas de Carvalho, e a análise de Gilberto Mendonça Teles é em torno desse fenômeno.

Há um detalhe técnico na confecção do livro que poderia facilitar a procura de certos poemas antológicos

do poeta. É que não deveria aparecer no sumário apenas o título do livro, mas também o título de cada poema presente na antologia com sua respectiva página. Outro detalhe que chama a atenção é que certos poemas não estão completos. Exemplo: “Ode visionária” só está presente no seu canto XII. Esse poema, juntamente com “A máquina do mundo”, de Drummond, são os dois melhores poemas produzidos no século vinte no Brasil.

Isto posto, podemos dizer ainda que o primeiro poema a aparecer no livro é o Sumário. Cada título de livro de Francisco Carvalho é uma metáfora. Alinhados esses títulos, ter-se-á um poema que trará a temática principal da poesia do autor: “Pastoral dos dias maduros”. Nessa pastoral há, pois, um certo “preciosismo barroco... de gosto cultista”, como afirma Domingos Carvalho da Silva (1983), que também não esquece de citar as anáforas quase que em excesso.

Sua mitologia poética constrói, pois, um monumento que podemos chamar de “Pastoral dos dias maduros”. Carvalho elabora em toda a sua obra uma poética da maturidade. Mesmo nas suas primeiras publicações, a partir de 1956, já se instaura essa terceira idade poética. É algo “sazonado”, uma permanente “solidão” encrustada em nuvens, pássaros, sonatas, mortos, visões, exílios, centauros, raízes e paisagens ceifadas. É um poeta maduro em permanente exílio até de si próprio. Há poemas em que se detecta até uma poética do pessimismo, da depressão e do desencanto. Francisco Carvalho é um poeta elegíaco. Mas canta tudo isso de forma humanizadora.

¹ Mestre em Literatura brasileira pela Universidade Estadual do Ceará. Diretor do Centro de Ciências Humanas da Universidade de Fortaleza. E-mail: jbatista@unifor.br

Se se quiser uma história de vida de Francisco Carvalho, basta se seguir o conselho de Luciano Maia quando lhe dirige a palavra: “a biografia de um poeta são seus versos” (MAIA, 1995). Quando se lê essa pastoral das nuvens, dos pássaros e dos dias maduros, Russas aparece como que destino de quem busca um cordão umbilical que lá ficou perdido. Essa prospecção de um latifúndio memorialista vem banhada pelas águas de março do rio Jaguaribe, outras vezes ressequida pelas areias quentes do maior rio seco do mundo na combustão de setembro, outubro e novembro. As águas cortam no rio da terra, mas são perenes na memória do poeta, pois nascem da lágrima da chuva, do mar, da saudade que canta em elegia.

Nessa antologia, primeiro aparece **Os mortos azuis**, de 1971. Não é seu primeiro livro, porque antes já haviam aparecido **Cristal de memória**, de 1955, e depois **Dimensão das coisas**, de 1966, com **Memorial de Orfeu**, de 1969. Acontece que é nesse livro em que aparece um grande paradoxo do poeta, e isso, no melhor poema desse seu terceiro livro. Chama-se esse poema antológico “Canção dos deserdados”. Não é pelas metáforas que já dão o tom do estilo do autor em livros futuros, tipo: “sol de úlceras”, “musculatura de estrelas”, “esqueleto dos caminhos”, “pesadelo de Deus”, “cinzas de vértebras”. Não, não é isso. É que nesse poema de apenas vinte versos, ainda aparece sua profissão de fé: “o verso é um braço impotente/para ajudar os aflitos”. É uma incoerência do poeta ao longo de sua trajetória. Ele é casado, amante e namorado da poesia. Vive com essa Beatriz, em todos os momentos da existência, e ainda fala mal da coitada. Enfeita-lhe das melhores vestimentas (metáforas), cuida dela com mimos e ainda a exhibe ao público. Só pode amá-la. Mas é aquele amante que tanto ama que fala mal da amada para afastá-la do assédio dos invejosos. Francisco Carvalho, mesmo em conversas informais, não põe esperança na poesia. Mas vive dela. É ela a razão do seu existir. É um poeta enclausurado nos braços desse fio de vida que ele vive a negar.

Oscilando, de início, entre um neo-parnasianismo latente e um neo-modernismo aliciante, 1998, é a partir de **Pastoral dos dias maduros** que o poeta cristaliza seu estilo nesse livro que, ao lado de **As verdes léguas**, alcança seus dois momentos de culminância na elaboração poética. **Pastoral dos dias maduros** é o livro de uma maturidade que se instaura em toda sua trajetória literária e que leva toda a sua obra a se enquadrar perfeitamente nesse tema título. A impressão que se tem é a de que o poeta já nasceu maduro, que

é maduro nas raízes, na germinação. Maduro mesmo antes de ser concebido.

É a partir desse livro que o arcabouço mítico da sua escritura se define. É nesse momento de amadurecimento pleno que seu estilo alcança o patamar definitivo. E podem-se então delinear características permanentes em sua obra, como: “as precariedades da vida e das coisas vivamente presentes diante da morte”, segundo Caio Porfírio Carneiro (1992, p. 14). Ao flagrar esse efêmero, ele o eterniza através de uma epifania humanizadora. De um objeto aparentemente simples como um pote, ele consegue uma iluminação, uma transfiguração, que o pote passa a ser um ente sensível e sensível.

Essa transfiguração opera o milagre de, iluminado o ser, poder-se ver dele dimensões invisíveis. Daí que o poeta em certa oportunidade, falando de sua amada poesia, chega a pregar: “A medida da poesia é a totalidade do ser”. Essa busca da totalidade alcança sua culminância em **Pastoral dos dias maduros** (1977). Nesse livro, Adriano Espínola (2000) rastreia as características que permeiam a obra inteira do poeta: “a memória da terra (...), o cultivo dos mortos (...), a noite (...), a sensualidade latente”. Há noite na superfície de um mar de subjetividades poéticas em que, através do mergulho da prospecção, pode-se resgatar a noturnidade poética permanente de Carvalho.

Mesmo com certa sisudez com que se apresenta em toda a sua obra, há em Francisco Carvalho um humor que vez por outra vem à tona em forma de ironia. Exemplo: “Mulheres são animais lindos / (...) / cavalgam nossos sonhos / e nossos desatinos. / Esvaziam nosso bolsos / e enchem a casa de meninos” (p. 411).

Esses momentos álcres não tiram, no entanto, o compromisso do poeta com a condição humana dos povos oprimidos da América. No livro **Crônica das raízes**, esses momentos se encontram e convivem com harmonia e grandeza. O apelo social quando transparece não contamina negativamente outras características.

Foi essa grandeza poética que fez o júri nacional do Prêmio Nestlé de Literatura atribuir-lhe em 1982, entre sete mil candidatos, o primeiro lugar ao livro **Quadrante solar**.

Voltando ainda a **Pastoral dos dias maduros**, é com surpresa que constatamos a não inclusão, entre os poemas selecionados para essa seleta, do seu primoroso “O rio da minha aldeia” (A modo de Alberto Caeiro), metapoema que merece figurar em qualquer

antologia de Francisco Carvalho. As intertextualidades presentes nesse poema fazem com que o Tejo do poema pessoano seja descontextualizado e destronado de sua significação inicial. À proporção que o poema pessoano é desconstruído, Carvalho vai utilizando os materiais para soerguer a estrutura do seu poema.

Outro senão dessa antologia de Francisco Carvalho responde pelo fato de não terem sido contemplados os poemas dos seus três primeiros livros: **Cristal da memória**, 1955, **Dimensão das coisas**, 1966, e **Memorial de Orfeu**, 1969. Sabe-se de um certo desamor do poeta pelo seu primeiro livro, o qual nem figura na Bibliografia do autor (p. 499). Acontece que o leitor fica privado de ter uma visão global de sua obra e de se deparar com preciosidades omitidas dessa coletânea, como o soneto “O casarão”, de **Memorial de Orfeu**, em que:

“Rugas feudais espreitam nos alpendres/ o inverno prometido que não veio./ Um vento esguio nos cristais ressoa./ Erram nos quartos vultos de alfazema/ E um cheiro milenar de palha e seio”.

Apresença desses versos comprova a necessidade de incluí-lo em qualquer coletânea de poemas do poeta. A ancestralidade transborda dos versos. Os cheiros da memória sinesteticamente afloram e aguçam os sentidos do leitor, principalmente daqueles que tiveram origem rural.

Ao se analisar essa antologia de Francisco Carvalho, corre-se o risco de falar do que não está na antologia: **Cristal da memória**, **Canção atrás da esfinge**, **Dimensão das coisas**, **Memorial de Orfeu**. Na Bibliografia do autor, página 499, esse dois últimos livros, mesmo não sendo contemplados na coletânea, são pelo menos citados. Os dois primeiros, no entanto, nem figuram como produção literária do autor. O leitor fica como que compungido diante do ostracismo a que são colocados esses dois rebentos do autor. Não fosse a mão estirada do crítico Teoberto Landim, esse primogênito e seu irmão segundo se afogariam nas águas do esquecimento. E não precisa se fazer exame de DNA para se constatar que neles circula o mesmo plasma que pereniza o restante da sua produção. O citado crítico chega a falar claramente da condição bastarda a que esses dois livros são conduzidos, ao afirmar: “Francisco Carvalho confessa que não gostaria que seus dois primeiros livros fossem levados em conta no cômputo geral de sua produção poética, pois os considera como simples experiências de um período de transição do seu aprendizado literário” (p.

492). Méritos para Teoberto Landim, que foi estudar a obra do autor nos seus alicerces, na sua gênese. E aí constata-se que os caracteres contatados pelo crítico coincidem com os que nos detêm nas obras recentes: o indefinível como desoluição do real, o céu da dimensão das coisas, a fragmentação do mundo a serviço do encantamento.

Esse retorno aos primeiros tempos do escritor nos liga a sua terra, a uma busca do seu cordão umbilical que ficou enterrado no município de Russas, nos idos de 1927, no vale do Rio Jaguaribe, “artéria por onde se esvai o sangue do Ceará”, no dizer de Demócrito Rocha. Feitos os estudos iniciais no Ateneu São Bernardo, de Russas, Carvalho veio apontar na capital do Estado onde sentou poeira, após se abancar como funcionário da Universidade Federal do Ceará, útero em que germinou o CLÃ, o grupo literário mais duradouro e mais frutífero da literatura cearense. Ermitão da poesia, sempre achou que “poetas e escritores, de um modo geral, não passam de narcisos que se contemplam pateticamente no espelho trincado da própria subjetividade” (p. 498). Após 39 anos de clausura funcional em um dos departamentos da Universidade Federal do Ceará, aposentaram-no. E ele se vingou tentando aposentar a poesia em si próprio ao escrever que: “com esta edição de poemas escolhidos, que não são necessariamente os melhores, pretende encerrar sua obscura carreira literária de poeta assumidamente municipal” (p. 499).

Essa tentativa de se ludibriar e de escamotear uma relação íntima com a poesia não convence o leitor atento. Primeiro, porque o poema nunca deixa de ser escrito. Cada leitor novo que aparecer pegará da pena de Carvalho e continuará essa escritura interminável. Mesmo que esse filho de Russas pregue que seus poemas são menores e que todos morrerão consigo, não será morte com enterro final. Cada leitor disputará a alça desse esquife em busca de um sepultamento que nunca ocorrerá. Daí que a tentativa de epitáfio que se concentra permanentemente em sua obra cai no desuso devido às **Verdes léguas** e às botas de sete léguas de que cada leitor se reveste na jornada.

Francisco Carvalho é o poeta da repetição. Repete para ecoar. Cada metáfora repetida é um degrau construído na ligação com o leitor. Essa escada de Jacó em busca de um quinto império poético é interminável e desmente o autor, afinal seus versos não são inúteis como não foi inútil o sacrifício de d. Sebastião.

Referências

- CARNEIRO, C. P. *O tecedor de poesia*. In: CARVALHO, F. *O tecedor e sua trama*. 2. ed. São Paulo: João Scortecci, 1992. p. 437.
- ESPINOLA, A. Em louvor ao poeta Francisco Carvalho. *Revista Literatura*, Brasília, DF, n. 19, p. 45-47, 15 dez. 2000.
- MAIA, L. Francisco Carvalho. *Revista Textos e Contextos*, Fortaleza, p. 450-451, out. 1995.
- SILVA, D. C. da. Espelhos da metáfora. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, p. 16-17, 14 maio 1983.
- TELES, G. M. A poesia de Francisco Carvalho. In: CARVALHO, F. *Romance da nuvem pássaro*. 4. ed. Fortaleza:UFC/Casa de José de Alencar, 1998. p. 36-37.

Data do Aceite: 2005